

Caso parecido em Portugal

NORMA CURI

Correspondente

LISBOA — Vinte mortos, três médicos acusados de homicídio por negligência e uma indenização de US\$ 1,2 milhão às famílias das vítimas foi o resultado de uma deficiência no sistema de tratamento de água que afetou um terço dos pacientes de hemodiálise do Hospital de Évora. Foi há três anos, mas Portugal não esquece. A revolta na época foi tão grande que o ministro do Ambiente, Carlos Borrego, tentando acalmar os ânimos, aventurou-se a contar uma piada sobre os cadáveres contaminando de alumínio a água do Alentejo. Caiu no dia seguinte. "Foi uma piada de muito mau gosto", disse o então presidente Mário Soares.

Primeiro foram oito mortos. A administração do Hospital de Évora acusava quatro mortes e culpava a prefeitura. Morreram mais quatro, mas o responsável pela unidade de hemodiálise, João Aniceto, adiava o reconhecimento de deficiências. O ministro Arlindo de Carvalho negava tudo. Quando começaram as autópsias constatou-se que todas as mortes foram causadas por excesso de alumínio no sangue.

O processo durou um ano. Afinal o nefrologista João Aniceto, e mais dois médicos, Antonio de Souza e Sara Barros, foram condenados. Pelas 20 mortes a população de Évora queria a cabeça também do engenheiro responsável pelo tratamento da água do hospital e de três eletricitistas — e o Estado no banco dos réus por responsabilidade civil.